



O DISCURSO NEOLIBERAL COMO FORMADOR DE LAÇO SOCIAL E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL

NEOLIBERAL DISCOURSE AS A SOCIAL BOND FORMER AND IMPACT ON MENTAL HEALTH

João Victor Moura Cavalcante MEDEIROS

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: jvictmedeiros@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-2717-1390>

Eduardo Fagner Machado de PINHO

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: pinho.eduardo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0589-7403>

Jordana Carmo de Sousa

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: jordypsi@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-1319-9971>

RESUMO

Analisou-se o discurso neoliberal como formador de laço social e seu impacto na saúde mental, a fim de compreender, através da revisão bibliográfica sobre o tema, qual o resultante do discurso neoliberal nas relações sociais, seus efeitos na saúde mental e sofrimento psíquico do sujeito. Para tanto, investigou-se como o discurso neoliberal incide influência no contexto contemporâneo, averiguando a relação dos sujeitos com esta nova configuração de laço social e analisando a correlação desta forma discursiva com a saúde mental e possível sofrimento psíquico. Como metodologia, o trabalho estruturou-se como uma revisão literária com objetivo descritivo e exploratório, abordagem qualitativa, método hipotético dedutivo e procedimento bibliográfico.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Psicanálise. Discurso. Saúde Mental.

ABSTRACT

The neoliberal discourse was analyzed as a form of social bond and its impact on mental health, in order to understand, through the bibliographical review on the subject, what is the result of the neoliberal discourse in social relations, its effects on mental health and psychic suffering of the subject. To this end, we investigated how the neoliberal discourse influences the contemporary context, investigating the subjects' relationship with this new configuration of social ties and analyzing the dynamics of this discursive form with mental health and possible psychic suffering. As a methodology, the work was structured as a literary review with a descriptive and exploratory objective, a qualitative approach, a hypothetical deductive method and a bibliographic procedure.

Keywords: Neoliberalism. Psychoanalysis. Discourse. Mental Health.

INTRODUÇÃO

O neoliberalismo não atingiu sua intenção de melhorar a economia e reduzir a desigualdade social a partir da minimização do papel do Estado, pelo contrário, desde sua implementação ocorre um efeito diferente de sua finalidade discursiva como evidencia o autor da obra *Lacan e a democracia*: “A vitória do neoliberalismo sobre o liberalismo significou endividamento crescente dos Estados em desenvolvimento e perda de poder político da democracia de massas a partir de 1970.” (DUNKER, 2022, pg. 287), e com isto, a desigualdade passou a ser um fator que vem crescendo exponencialmente junto com as crises econômicas, políticas e sociais, produzindo sofrimento no sujeito que é atravessado por esta forma discursiva.

O discurso neoliberal surge como uma forma de laço social que parece desconsiderar a saúde mental e o bem-estar dos indivíduos em nome da liberdade individual, do livre-mercado e da economia como evidenciadas na obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2021), e junto com o avanço neoliberal, o mal-estar e as manifestações de sofrimento humano aumentaram significativamente como indicam as classificações dos manuais de diagnóstico como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças (CID) que crescem exponencialmente ao longo do tempo,

João Victor Moura Cavalcante MEDEIROS; Eduardo Fagner Machado de PINHO; Jordana Carmo de SOUSA. O DISCURSO NEOLIBERAL COMO FORMADOR DE LAÇO SOCIAL E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE ABRIL. Ed. 41. VOL. 01. Págs. 302-322 ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

evidenciando que há algum fator produzindo efeitos colaterais no laço social que reverbera nos sujeitos e/ou uma nova dinâmica de sofrimento.

Desta forma, os efeitos do avanço do neoliberalismo parecem afetar não somente o modelo governamental e a economia, mas atravessam o sujeito por estruturar um novo discurso que afeta o laço social e altera a dinâmica das relações, noção atribuída pelo psicanalista Jacques Lacan (1969-1970) em sua obra ***O avesso da psicanálise***, conhecida como Seminário 17 que teoriza o discurso como formador de laço social. De acordo com essa premissa, este trabalho pretende investigar o neoliberalismo como discurso e conseqüentemente os efeitos na saúde mental do sujeito que é atravessado por esta nova configuração de laço social, utilizando das contribuições da teoria psicanalítica como base para a compreensão deste fenômeno.

Então, através da contextualização histórica deste modelo governamental será possível verificar a influência deste discurso neoliberal que modificou o laço social e como os autores Christian Lavale e Pierre Dardot (2016) denominaram de “*A nova razão do mundo*”. E conseqüentemente, será utilizado da psicanálise para compreender o impacto do neoliberalismo na saúde mental do sujeito que é afetado por esta nova forma discursiva em suas relações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho estruturou-se a partir do método de pesquisa bibliográfica, buscando expandir e delimitar o conhecimento bibliográfico já produzido sobre o liberalismo clássico e seus precursores que serviram de base para o surgimento do neoliberalismo presente na contemporaneidade e as contribuições da psicanálise sobre os efeitos desse modelo na constituição do laço social por sua nova forma discursiva que afeta o sujeito.

A pesquisa bibliográfica possui diversas vantagens em comparação a outros tipos metodológicos a depender de sua finalidade e objetivo, como reitera GIL (2002, pg. 3) em sua obra *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Desta forma, a metodologia da pesquisa será de natureza básica e diagnóstica baseada na abordagem qualitativa por mensurar fatores subjetivos, produzindo conhecimento e atribuindo novos significados sobre a especificidade do tema. Quanto aos objetivos, esta pesquisa bibliográfica tem como principal finalidade produzir, explicar e remodelar conceitos e ideias, podendo então, ser entendida como exploratória. (GIL, 2002, pg. 44). Considerando estes pressupostos, a base conceitual desta pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento e análise de dados e informações sobre livros, artigos científicos, teses, dissertações e revistas na base de dados do Scientific Electronic Library Online - SCIELO, nos Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PEPSIC e no Google Acadêmico através das seguintes palavras-chaves: Neoliberalismo. Psicanálise. Discurso. Saúde Mental.

Diante disto, torna-se imprescindível mencionar que os avanços psicanalíticos sobre o modelo neoliberal e seus efeitos, são a base deste artigo como a obra do psicanalista Christian Dunker em conjunto a Nelson da Silva Junior e Vladmir Safatle (2021) chamado Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico, as noções de Jacques Lacan (1969-1970) sobre o discurso como laço social. E, nas contribuições dos filósofos e pesquisadores Christian Lavale e Pierre Dardot (2016) em A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Surgimento do Neoliberalismo

O neoliberalismo se apresenta como uma ramificação do liberalismo clássico que foi uma teoria política, social e econômica que pretendia compreender o homem livre, minimizando o papel do Estado, já que este seria um dos principais fatores de acordo com os liberais para o impedimento da liberdade e crescimento econômico, conforme os autores Vladmir, Dunker e Silva Jr (2021) esse termo “neo” surgiu em Paris, no ano de 1938 durante as crises que se desencadearam na Europa após a Grande Depressão no início dos anos 1930 que trouxe consigo um aumento de intervenção estatal e para que a população vivesse sem a interferência do Estado, seria necessário restaurar a hegemonia do liberalismo clássico que teve como consequência o surgimento do neoliberalismo.

Porém, para avançar sobre o neoliberalismo torna-se necessário compreender a corrente que antecedeu seu surgimento, o liberalismo clássico e seus principais autores. O teórico precursor do liberalismo político, Locke (1689) em seu livro *Dois tratados sobre o governo*; ressalta as bases do liberalismo mencionando a formação de um Estado que pretende tornar sua sociedade livre e em igualdade para que pudessem gerir o poder a partir de um bem comum para todos. Locke (1632-1704) acredita que a natureza humana é benévola, diferentemente de outros autores que pensam que sem a interferência do Estado, não haveria um bem comum para todos, devido o egocentrismo humano como defende Hobbes (1651) em sua obra *Leviatã*, apontando que *o homem é o lobo do homem*, defendendo que sem a interferência de um Estado não haveria coletividade, somente indivíduos egoístas que gerariam sua própria ruína.

A partir das considerações de Locke, surgiram vários outros autores que contribuíram para que o liberalismo expandisse suas fronteiras baseados nos pressupostos de liberdade. Adam Smith (1723-1790) foi um autor fundamental para o liberalismo econômico que pela crítica do mercantilismo baseou-se no crescimento da iniciativa privada e do aumento da produtividade para aumentar a economia; uma das bases cruciais formuladas por Adam Smith a partir de sua obra *A riqueza das nações* (1776) é a de *mão invisível* do mercado, considerando que as trocas de mercado juntamente com os interesses individuais e por vezes egoístas, resultariam em um bem coletivo a todos.

Contudo, esta noção de aumento da produtividade confiando na premissa de mão invisível do mercado trouxe consigo algo a mais, aos poucos a produção começou a gerar mais produtos do que a necessidade humana conseguia se beneficiar e utilizar; o que aos poucos deu início a mercadoria como fim inevitável, ou seja, não se produzia mais para o uso próprio e coletivo, mas para gerar mais mercadoria com valores de uso e de troca, independente da capacidade humana e necessidade humana de consumir. Desta forma, a maneira de ver o sujeito também mudou do liberalismo clássico, conforme as próprias palavras do autor Adam Smith (1981, pg. 26-27): “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm por seu próprio interesse”. Desta forma, não é pela natureza humana de ser essencialmente bom e

altruísta como defendia Locke, mas pelo poder útil de se beneficiar de uma vantagem individual para aproveitar de uma demanda coletiva.

Mesmo assim, o liberalismo clássico não conseguiu impedir que o capitalismo entrasse em crise devido o excedente da produção e a não capitalização da mercadoria gerada, criando espaço para que mesmo os teóricos liberais fizessem uma ressalva sobre o papel do Estado em situações graves na sociedade em geral provenientes das crises do capitalismo. Dando surgimento ao intervencionismo Keynesiano que foi postulado por John Maynard Keynes (1936), na sua obra Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda; segundo este autor, em momentos de crise o Estado deveria adotar medidas para controlar o desequilíbrio econômico, aplicando, portanto, capital como investimento para estabilizar a economia, voltando a gerar empregos, consumo e consequentemente reavendo o valor aplicado, linha diferente do liberalismo clássico que visava o pressuposto do laissez-faire (deixar fazer, em francês) que acreditavam que o livre-mercado e a não intervenção estatal na economia estabilizariam por si só as crises econômicas.

Nesse sentido, torna-se importante ressaltar o que Karl Marx (1867) em sua obra, O Capital, já mencionava que o capitalismo entrava em crises cíclicas periodicamente por si só, pois se tratava de um sistema contraditório, onde a produção era somente para gerar mercadoria e expandir o capital, não para suprir as necessidades humanas; gerando excedente e quando não houvesse como tornar lucro ou valor em cima do que foi produzido e não havendo a circulação dessa mercadoria, o sistema entraria em colapso, haveria uma desvalorização, quebras de indústrias e empresas, quebra econômica, desemprego e consequentemente uma experiência de crise social Conforme Keynes: “Muitas pessoas estão tentando resolver o problema do desemprego com uma teoria que é baseada no pressuposto de que não existe desemprego” (KEYNES, 1936, pg. 350), logo mesmo entre o pensamento liberal, havia a noção keynesiana sobre a falha teórica em relação as crises do capitalismo e os efeitos causados no sujeito que eram afetados por este processo.

Desta forma, autores como Benoit e Antunes (2016) analisaram e comentaram sobre as contradições do sistema capitalista e as crises cíclicas do capital em seu livro O problema da crise capitalista em O Capital de Marx, segundo os autores: “as crises capitalistas emanam assim, não de uma ou outra contradição em particular, da

superprodução relativa ou absoluta [...] mas, sim, da totalidade contraditória e explosiva do capital” (BENOIT E ANTUNES. 2016, pg. 184). Desta forma, o sistema capitalista gera suas próprias crises, pelo seu sistema estrutural de funcionamento, mesmo que não intencionalmente e conforme descrito pelos autores anteriormente citados, o capitalismo vivenciou novas crises cíclicas ao longo do tempo o que fez com que surgisse novas formas de tentar prevenir esses efeitos, sendo importante mencionar que muitos liberais não eram a favor do keynesianismo pois a intervenção estatal mesmo em condições de crise, era um fator inegociável para as bases do liberalismo.

Diante deste cenário de crises em que o liberalismo não conseguia controlar, houve então em 1938 um evento que daria início ao neoliberalismo, segundo os autores Vladimir, Dunker e Silva Jr (2021), um ano antes da Segunda Guerra Mundial aconteceu uma reunião de liberais na França que ficou conhecida como Colóquio Walter Lippman, nesta reunião foi discutido sobre a perda de força do liberalismo frente aos movimentos socialistas e fascistas da época e como o capitalismo poderia reverter a situação já que a hegemonia keynesiana estava à frente, fazendo-se repensar algumas bases da estrutura liberal para que pudesse ganhar influência novamente, mencionando a nomenclatura de neoliberalismo. Então fora repensada a premissa liberal do “laissez-faire” de que espontaneamente os sujeitos iriam adotar a livre-iniciativa, o empreendedorismo e a competitividade para não gerar monopólios com o afastamento da interveniência do Estado na relação econômica.

Deste modo, se este efeito da premissa liberal não surgia espontaneamente nas relações e na sociedade, o efeito da liberdade liberal necessitava ser produzido e defendido, conforme os autores Vladimir, Dunker e Silva Jr (2021, pg. 24) relatam sobre a protagonista britânica do neoliberalismo Margareth Thatcher, em 1980 durante uma entrevista: “A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma.” E para garantir que essas mudanças aconteçam e o neoliberalismo funcione, acontece o contrário do que se pressupõe com a falsa ideia de não intervenção estatal no papel de “Estado mínimo”.

Um dos precursores do neoliberalismo, o economista da Escola de Chicago Frederick Hayek, mencionou sobre a intervenção estatal em relação da ditadura como transição possível para a implementação do neoliberalismo, conforme descritos pelos

autores Vladimir, Dunker e Silva Jr (2021) numa entrevista de Hayek para um jornal chileno intitulado de El Mercurio, em 1981:

Às vezes, é necessário para um país ter, durante certo tempo, uma forma de poder ditatorial. Como se sabe, é possível para um ditador governar de maneira liberal. E é possível, que uma democracia governe com uma falta total de liberalismo. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo. (VLADMIR; DUNKER; SILVA JR, 2021, pg. 26)

De acordo com a contextualização sobre feita na obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2021), durante a entrevista de Hayek, o Chile estava experienciando um processo de ditadura com o golpe de 1973, onde o general Augusto Pinochet e seus aliados mobilizaram forças militares e assumiram o controle do Estado, conhecido como um dos regimes mais sangrentos que a humanidade já viu. Sendo também, o primeiro país a implementar o neoliberalismo com a morte violenta do ex-presidente socialista Salvador Allende, que morreu após o Palácio La Moneda ser bombardeado por vários aviões militares até a sua morte.

Portanto, há ressalvas de que talvez o neoliberalismo não seja a redução do seu Estado ao mínimo, mas ao máximo para que possa exercer a função de proteger o liberalismo, livre-mercado, usufruto das propriedades privadas e violações nas políticas públicas e que assegurem qualquer benefício que não vise o maior lucro do capital. Aparentemente, não importando quais sejam os riscos e medidas que sejam necessárias adotar para o seu sucesso, mesmo que seja necessário silenciar a sociedade da forma mais violenta e fazendo-a acreditar que será em prol do bem comum.

Os Efeitos do Neoliberalismo nas Relações Interpessoais do Sujeito

O laço social modificou-se com a influência do neoliberalismo contextualizada no tópico anterior, implica-se então a pensar quais são os efeitos desse discurso nas relações interpessoais do sujeito que passam a ser afetados mesmo que indiretamente por este discurso, pois conforme o psicanalista Vladimir Safatle em sua obra *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*: “Não há poder que não crie uma ‘vida psíquica’ através das marcas que deixam nos corpos” (SAFATLE, 2015, pg. 194). Então, as relações de poder e discursivas da sociedade não

ditam somente a política ou o cenário econômico, elas estão diretamente ligadas com o laço social afetando a subjetividade e saúde mental.

A partir desse pressuposto de que o discurso hegemônico, ou seja, o discurso dominante em nossas relações políticas, econômicas e sociais passaram a ser o neoliberal, há então, a consideração de pensar-se nos desdobramentos de uma sociedade neoliberal e na construção de um novo sujeito, literalmente, o “neosujeito”. Como apontam alguns autores que estudam o neoliberalismo: “O novo sujeito é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito ‘para ganhar’, ser ‘bem sucedido’” (DARDOT; LAVAL, 2016, pg. 353). Diante disso, há a consideração de um sujeito neoliberal, uma nova forma subjetiva de se colocar no mundo, afetar e ser afetado por ele e a partir disso uma nova relação não somente discursiva e política, mas psíquica que influencia diretamente suas formas de se relacionar consigo e com o outro.

Sendo assim, o neoliberalismo conseguiu atingir sua meta de mudar não somente a relação econômica, mas o “coração e a alma” como já citado na contextualização por Margareth Thatcher. O novo sujeito busca então no trabalho e em suas relações o sucesso desempenhando sua performance de produção, mas o cenário cada vez mais se mostra irreal para as condições humanas devido a competitividade do mercado, altas taxas de desemprego e o risco de ficar à margem da vulnerabilidade a qualquer momento, como ressaltam os autores: “Transferindo os riscos para os assalariados, produzindo o aumento da sensação de risco, as empresas puderam exigir deles disponibilidade e comprometimento muito maiores” (DARDOT; LAVAL, 2016, pg. 329), então o neoliberalismo tornou-se uma forma discursiva de laço social em que o sujeito se pensa como uma empresa, a eficácia e sucesso são primordiais para o neosujeito e o trabalho é uma extensão do seu próprio ser, muitas vezes, a empresa é a sua própria casa.

As relações humanas passam então, a ser baseadas na ideia neoliberal de desempenho, lucro e competitividade do livre-mercado. Não havendo mais uma dissociação do funcionamento do sujeito em comparação ao de uma empresa; atingindo diretamente na vida interpessoal onde se busca mostrar incessantemente o seu valor e a sua condição de sucesso em cada aspecto da vida. Mas, parece que os esforços destes sujeitos somente evidenciam cada vez mais que a busca pela

“liberdade” que começou no liberalismo clássico, os tornou escravos de si mesmos, já que essa lógica neoliberal é incessante e não encontra limites, mas não se pode dizer o mesmo da capacidade física e mental, como o autor Byung-Chul Han (2015) evidencia em sua obra *Sociedade do Cansaço*: “O cansaço do esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa” (HAN, 2015, pg. 76). Não ironicamente, neste modelo de funcionamento o sujeito almeja o reconhecimento em ser considerado “o melhor” em todas as relações, e estar gradativamente cansando mais por esse ideal de performance que é irreal, empobrecendo relações interpessoais de modo geral e principalmente, as relações afetivas.

Outrossim, o esgotamento do neosujeito não é o único efeito que o discurso neoliberal incide sobre o funcionamento subjetivo e nas relações interpessoais que este mantém na sua vida, há algo para além dessa relação de extrema performance e busca de desempenho que sim, estão presentes, mas evidenciam um aspecto extremamente relevante para os liberais que é o conceito de competitividade do livre-mercado mencionado anteriormente, como enfatizam os autores: “A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT; LAVAL, 2016, pg. 17). As relações interpessoais por consequência começam a gerar atrito e se tornam cada vez mais angustiantes para o sujeito que começa a adotar medidas de competição para se sobressair aos demais que podem se destacar mais ou melhor do que ele em alguns aspectos.

Esse fundamento de competitividade é extremamente prejudicial não somente para os sujeitos isolados, mas para a construção de relações interpessoais que o neosujeito mantém em seu cotidiano, tornando-se escassas, empobrecidas, ou demanda de uma ansiedade crescente por essa desconfiança instaurada, conforme descritas na obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2021). Desta forma, é evidenciado pelos autores que estudam o neoliberalismo e seus desdobramentos, que esses efeitos não são tão claros para a sociedade que vivencia esse processo e os sujeitos que se modulam a partir dele mesmo que não-intencionalmente, se responsabilizando por seus sintomas como se fossem os únicos responsáveis pelos seus sucessos e pelos seus fracassos.

Ao se considerar num ideal de liberdade autônoma, o sujeito se responsabiliza por suas ações que parecem ser as únicas responsáveis pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso, assim: "(...) não há nada que dizer sobre o que o indivíduo faz com sua liberdade; não se trata de uma ética geral. De fato, o objetivo mais importante dos liberais é deixar os problemas éticos a cargo do próprio indivíduo". (FRIEDMAN, 1984, pg. 21). Desta forma, há em consequência uma despolitização dos sujeitos que estão na sociedade neoliberal, pois não existe mais campo discursivo de direitos e de seguro sobre ações a serem garantidas pelo Estado, em nome da liberdade e da redução da intervenção estatal, agora os neosujeitos são diretamente responsabilizados por seu próprio futuro.

Não coincidentemente, há uma contradição no sistema liberal e nos seus ideais em que a liberdade dos sujeitos pregada como base no liberalismo clássico tornou-se apenas o usufruto da propriedade privada para a expansão do capital como já mencionados na crítica de Karl Marx (1985) ao capitalismo, e a noção de Estado mínimo e não intervencionismo estatal tornou-se útil apenas para a redução de direitos, cortes em políticas sociais em geral.

Pelo contrário do que a ilusão neoliberal propagou ressaltadas em A nova razão do mundo: ensaio sobre uma sociedade neoliberal (2015), mostrando a ascensão de um Estado implacável para garantir a lógica neoliberal funcionando e garantir que a sociedade se adequasse e houvesse uma flexibilização do neosujeito nessa relação, responsabilizando-o diretamente e reduzindo qualquer associação do papel do Estado nessa equação, já que ele não possui mais poder de intervenção, há de depender somente do sujeito e sua motivação para se adequar e conseguir construir uma carreira e “vida de sucesso”.

Em consequência a essa dinâmica, o novo sujeito precisou modelar não somente a si mesmo, mas as suas relações interpessoais a uma lógica de desempenho individual que acabou gerando uma perda coletiva, pois: “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário que atua individualizando e isolando” (HAN, 2015, pg. 71). No final, todos estão igualmente cansados, humilhados, tristes, frustrados e sem amparo por esta configuração de laço social constituído pelo discurso neoliberal.

Implicações Psíquicas do Neoliberalismo e Seu Impacto na Saúde Mental

Nesse sentido, com a vinda do neoliberalismo e sua expressiva influência na contemporaneidade, pode-se compreender como o discurso atravessa e transforma as relações. E conseqüentemente, quais os efeitos que a sociedade neoliberal produz em seus diversos contextos, mas especificamente neste tópico, será aprofundado sobre as implicações psíquicas desse discurso e seu impacto na saúde mental do neosujeito.

Para além da noção de neosujeito como uma nova forma de subjetividade e identidade que é configurada pela sociedade neoliberal, há também o termo “empresário de si” intitulado por Michael Foucault (1979) para designar um processo importante dessa época neoliberal em sua obra *O Nascimento da Biopolítica*, onde ele introduz que:

O homo oeconomicus é um empresário, é um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o homo oeconomicus parceiro da troca por um homo oeconomicus empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda (FOUCAULT, 1999, pgs. 310-311).

Sendo assim, o empresário de si, também se tornou um fator crescente na relação com o mundo da sociedade neoliberal, onde constantemente o neosujeito baseia-se em efetividade, desempenho e numa busca incessante de alcançar sucesso em todos os seus contextos e se angustiando quando não atinge esses ideais, ou melhor, não atinge essas “metas”; passando a se ver como uma empresa e realizando a gestão de sua existência sem dissociar-se sua condição humana, da condição empresarial.

Desta feita, é importante ressaltar que essa não é uma escolha individual do sujeito, mas é a forma que a dinâmica neoliberal funciona, deixando o neosujeito “livre” do Estado, mas contraditoriamente, deixando-o preso nessa lógica exploratória de performance, desempenho e auto responsabilidade; sem direitos e sem políticas que garantam sua dignidade e não-subserviência as condições precárias em suas relações, principalmente, no trabalho, como ressaltam os autores: “Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta

viesses dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir.” (DARDOT; LAVAL, 2016, pg. 322). Há ainda, no trabalho a ansiedade criada pela suposição eminente de que sempre haverá alguém disposto a fazer mais, por menos, e a competitividade constante que é um fator introjetado na subjetividade humana a partir da relação de livre-mercado do liberalismo que transforma os sujeitos em descartáveis, pois o que dita as regras na sociedade neoliberal é a performance, o desempenho e a eficiência para gerar mais lucro.

Os efeitos dessa nova dinâmica nas relações humanas, principalmente, nas relações de trabalho são descritos pelo filósofo Byung Chul-Han (2015) em *Sociedade do Cansaço*, onde ele ressalta sobre o excesso das relações de trabalho culminarem numa exploração de si mesmo. Desta maneira, é impossível dissociar-se do outro, pois ao mesmo tempo ele é seu próprio explorador e explorado, numa liberdade paradoxal que resulta em adoecimento psíquico. (HAN, 2015, pg. 30). Então, o sujeito neoliberal é na maioria das vezes, alienado dos efeitos que esse discurso trás consigo e em como essa dinâmica o afeta e quando enfim, há uma impossibilidade de continuar moldando a gestão de sua existência para o perfil neoliberal; o sentimento de fracasso é atribuído exclusivamente ao indivíduo que não foi capaz de adaptar-se e ser flexível as novas condições, como cita o autor: “fracassa na sociedade neoliberal do desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso” (HAN, 2018, p. 16). Lembrando que essas características de flexibilidade e adaptação são introjetadas na subjetividade do sujeito como nos modelos de empresa que necessitam se modelar a demanda do mercado para continuarem relevantes, produzindo e gerando lucro.

Conseqüentemente, os efeitos do discurso neoliberal e seu funcionamento na subjetividade do sujeito resultam em sintomas que afetam a saúde mental por desconsiderar sua condição humana, não considerando seus limites reais em função de atingir os ideais pressupostos para obter sucesso. Não por acaso, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM e a Classificação Internacional de Doenças – CID crescem cada vez ao classificarem em suas revisões novas formas de sofrimento humano e manifestações sintomatológicas, como o psicanalista Quinet (2006) reitera ao discutir sobre essas classificações que sinalizam

que há algo não está funcionando bem na sociedade que aparenta estar adoecendo mais, e usando do discurso capitalista para tratar o sofrimento. Então, o discurso neoliberal que passa a influenciar a motivação humana de estar mais capacitado, produzir mais, expandir mais a riqueza, consumir mais e competir mais, está somente deixando a população cada vez mais doente.

A psicanálise teoriza que essa busca incessante por mais, é uma tentativa falha de mascarar uma falta constitutiva do ser humano que tenta preencher sua angústia por meio de diferentes objetos, mas acaba por não se satisfazer por nenhum, pois, para a psicanálise o desejo humano não é natural e não há um destino que o faça se satisfazer por completo, como menciona o psicanalista Jacques Lacan: "O desejo do homem é o desejo do Outro" (LACAN, 1962-1963/2004, pg. 32), ou seja, o desejo sempre se impulsiona para ser outra coisa, em constante movimento e transformação. Segundo esses pressupostos, não há coisa que tampona essa falta da condição humana, nem mesmo objetos, riquezas e sucesso, fazendo com que o sonho do neossujeito e sua motivação sejam uma falsa ilusão de completude por uma ideologia que mascara o que se cumpre e acaba por alienar quem está envolvido por essa lógica de falsa liberdade, autonomia e sucesso financeiro.

Há também, uma manifestação de angústia diferente dessa que busca se exaurir por performance e motivação de ideais irrealis que é a de frustração por sua incapacidade de adequar-se e de fazer parte desse sistema, ou melhor, nomeando no vocabulário neoliberal: fracasso. O sujeito que não consegue prosperar nessa dinâmica e acaba por acreditar que é por sua 'falta' de, sua não competência de, sua não inteligência de aproveitar-se de; atribuindo portanto, um sofrimento de culpabilização por não conseguir sucesso naquilo que se espera, ampliando os sintomas de tristeza, infelicidade e não motivação para prosseguir, como consequência, uma expressão característica da depressão que se tornou uma forma de sofrimento alarmante na contemporaneidade. Segundo o psicanalista Antonio Quinet (2006) em sua obra *Psicose e Laço social*, o autor descreve sobre a necessidade de uma ética que consiga intervir nesta lógica do sempre mais proposta pelo discurso neoliberal que modula a subjetividade do sujeito para o individualismo, performance e competitividade.

Frente ao discurso capitalista, a psicanálise defende uma ética que consiga barrar este discurso, segundo Quinet (2006, pg. 18): “Contra o imperativo do ter, a psicanálise propõe a ética da falta-a-ter, que se chama desejo, e a gestão, não do capital financeiro, mas do capital da libido, por definição sempre no negativo. Contra o imperativo da competitividade neoliberal, a ética da diferença.” Sem a possibilidade dessa ética que barre o discurso neoliberal, o sofrimento no sujeito atenua-se, tentando fragmentar sua personalidade para gerir seu funcionamento de modo flexível se moldando às exigências do mercado, ele ainda passa a ser afetado pela instabilidade desses processos, pois fundamentalmente na sociedade neoliberal tudo se negocia, ou seja, tudo possui um preço, portanto, tudo pode virar negócio ou ser transgredido

Sendo assim, a saúde mental do neossujeito não é considerada nessa relação discursiva, onde o próprio funcionamento com o trabalho e as relações interpessoais são esvaziadas de significância, pois estabelece uma relação com o outro baseada unicamente no utilitarismo e interesse, como o autor Walter Benjamim (1933) formula em seu ensaio que vida passou a se tornar uma sucessão infinita de meios, cuja a finalidade é se perder. E na experiência neoliberal, todos acabam perdendo-se no meio de seu sintoma e de sua angústia para se modelar a uma estrutura ilusória que não considera a condição constitutiva do sujeito, nem se preocupa com algo além do lucro, empobrecendo o laço social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As contribuições psicanalíticas sobre o laço social, discurso e mal-estar são primordiais para compreensão do cenário vigente e sua atual conjuntura. Por meio da psicanálise é possível identificar a estrutura neoliberal, seu funcionamento e os efeitos que este modelo pode gerar, ou nomeando melhor, pode “gerir”, a partir de seu discurso e formação de laço social tal como a obra Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico (2021) dos autores Christian Dunker, Nelson da Silva Junior e Vladimir Safatle evidenciam sobre a produção do mal-estar como modelo do discurso neoliberal para extrair produtividade a partir do gerenciamento do sofrimento.

Então, para conseguir associar o efeito do neoliberalismo por meio do seu discurso e formação de laço social, é necessário evidenciar o que os teóricos da

psicanálise contribuíram sobre este assunto. Jacques Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês que teorizou sobre os quatro discursos e formação de laço social ao longo de duas obras: O seminário, Livro XVI: De um Outro ao outro (1968-1969) e O seminário, Livro XIX: ... ou pior. (1971-1972). Nestas obras sobre a teoria dos quatro discursos, há uma modalidade sintomática para suprir uma impossibilidade do sujeito, como descrevem os autores ao dizerem que os quatro discursos teorizados por Lacan denominam quatro formas relacionais de um indivíduo *suportar* e *sustentar* a constituição *paradoxal* do sujeito, de forma a não prejudicar sua subjetividade dividida e não perder-se na relação com o Outro. (DIAS; FINGERMAN, 2005, pg. 77). Este termo de impossibilidade da relação na teoria dos quatro discursos é também referido como o Pior por Lacan, que descreve neste seminário o discurso como forma de laço social e que se estabelece em torno de um impossível.

O discurso como formador de laço social se configura às voltas do Pior, ou como se pode dizer também, em relação com o impossível. Segundo a obra Por Causa do Pior (2005): “O laço social é o enlaçamento do pior por um dito (...), o que por um lado mediatiza e por outro sempre localiza esse pior como um resto a ser dito, um dizer que fica de fora”. (DIAS; FINGERMAN, 2005, pg. 77). Diante disto, a teoria dos quatro discursos que Lacan estruturou eram divididos entre os discursos de impotência e discursos de impossibilidade que pairam sobre o paradoxo constitutivo do sujeito e formam laço em torno do pior. Até o surgimento do que Lacan nomearia como “o quinto discurso” (ou discurso capitalista) que se estrutura como uma verdade sem falha, uma possível solução para este paradoxo.

O discurso neoliberal ou discurso capitalista é um conceito abordado por Lacan que o introduz como um discurso insustentável em Lacan en Italie (1972) por sua estrutura de funcionamento totalitária, como uma forma de solução para o paradoxo constitutivo do sujeito: “Não estou dizendo de jeito nenhum que o discurso capitalista é medíocre; pelo contrário, ele é loucamente astucioso. Loucamente astucioso, mas destinado a explodir (...) porque é insustentável” (LACAN, 1972, pg. 36). Desta forma, este discurso cria uma contradição em sua possibilidade impossível, disfarçado de uma posição de completude que está incompleta e desconsidera a noção constitutiva faltante e impossibilidade relacional do sujeito que passa também a desconsiderar por esta nova configuração que afeta o laço social.

A influência deste discurso todo potente e astucioso trás consigo uma premissa de melhoria com um imediatismo e rapidez avassaladora, que coloca em alerta por sua caracterização de consumo, como ressalta Lacan: “O discurso capitalista está aí vocês podem vê-lo (...), não poderia ir melhor, mas justamente, vai rápido demais, se consome, se consome tanto, que se consuma.” (LACAN, 1972, pg. 36). Logo, o sentido de consumo se altera estruturalmente para o fim último derivada do termo que significa destruir, gastar, acabar, esgotar e por consequência acaba rompendo o laço social e manutenção deste tecido.

O discurso neoliberal trouxe consigo uma nova forma de configuração relacional, como evidenciam os autores: “No discurso capitalista, o objeto vem obturar o sujeito dividido e rompe o laço social fundado na circulação daquilo que não tem preço.” (DIAS; FINGERMANN, 2005, pg. 79). Ou seja, o sujeito passa a não constituir mais laço social e dinamiza suas relações através do capital e o indivíduo com a influência deste discurso capitalista aos poucos começa a estruturar sua subjetividade tal qual uma empresa, perspectiva neoliberal ressaltada criticamente na obra *O nascimento da biopolítica* por Michel Foucault (1979) e ao constituir-se como sujeito do capitalismo ou neossujeito, há uma dinâmica constante em extrair produção e valor em todos os seus contextos relacionais, funcionando como uma máquina que precisa automatizar a vida e sua capacidade para adequar-se em todas as circunstâncias, como nos evidenciam os autores Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker em *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (2021) sobre a influência deste discurso, o que consequentemente modificou as formas de relacionar-se consigo e com o outro de forma astuciosa, desconsiderando sua forma relacional de impossibilidade, ou como mencionadas anteriormente, do laço social em torno do pior.

Destarte, com o avanço do neoliberalismo houve também a influência deste discurso rompendo o laço social que passou a individualizar os sujeitos numa relação de meritocracia, ou seja, onde o sujeito é unicamente responsável por ser bem ou mal-sucedido na vida. Então, neste discurso neoliberal evidenciado pelo psicanalista Christian Dunker (2022) na obra *Lacan e a democracia: Clínica em tempos sombrios*, passa a depender somente o esforço do indivíduo e a extração do seu desempenho e produtividade para conseguir alcançar o que almeja, porém, este ciclo é incessante e

responsável por um imperativo ambicioso que acaba resultando no esgotamento do sujeito. E constantemente, o neoliberalismo gera o empobrecimento das relações por romper o laço social, aspectos já mencionados nas obras *Sociedade do cansaço* (2015) e *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (2016) que evidenciam os princípios neoliberais baseados na lógica do consumo, formas trabalho exacerbadas e em uma prioridade de manter o sujeito “funcionando” e se moldando constantemente (como o funcionamento de uma empresa que sobrevive no mercado) para atingir os ideais propostos por esta nova forma discursiva, mesmo que resulte no adoecimento e atravesse todos os seus contextos de relação consigo e com o outro.

Um fator crescente com a chegada do neoliberalismo que amplia este discurso de extração de produtividade e performance é a desigualdade, como expõe o autor: “A redistribuição dos rendimentos tornou-se cada vez mais desigual, a produtividade aumentou muito mais que os salários, e isso gerou formas de vida baseadas no mal-estar, no cansaço, na depressividade, para as quais o trabalho parasitou a linguagem e o desejo.” (DUNKER, 2022, pg. 287). Sendo assim, o neossujeito é atravessado por um discurso que o direciona a fazer cada vez mais e melhor para receber cada vez menos, com menos oportunidades de emprego, o que amplia significativamente as formas de mal-estar e sofrimento da sociedade por não atingir este ideal astucioso, impossível e culpabilizando o indivíduo isoladamente pelo seu fracasso. Desse modo, não há a quem culpabilizar, senão o sujeito, pois esta dinâmica passa a ser constitutiva deste modelo neoliberal, pois o desemprego, a relação de trabalho precária e conseqüentemente a remuneração deste, passam a se tornar “regra do jogo” no modelo neoliberal. (DUNKER; JUNIOR; SAFATLE, 2021, pg. 265), não havendo neste modelo uma responsabilização do Estado por este cenário de precarização, somente a do indivíduo que não consegue adaptar-se a ele.

Sendo assim, o discurso neoliberal acaba produzindo sofrimento no sujeito que fica desamparado numa relação que desconsidera sua saúde mental, aliás o sofrimento também virou uma modalidade de negócio, como sinalizam os autores ao dizer que: “(...) o custo simbólico e moral das doenças ligadas ao desemprego pode ser revertido em lucro no negócio dos seguros saúde e da indústria farmacêutica.” (DUNKER; JUNIOR; SAFATLE, 2021, pg. 265). Portanto, não há relação que não seja atravessada pelo discurso neoliberal e não sirva para a obtenção de lucro a qualquer

custo, mesmo que isto acabe resultando na medicalização da vida pela indústria farmacêutica ou *big pharma* (SILVA JUNIOR, 2016) como uma possibilidade de suportar os efeitos desencadeados pelo neoliberalismo que rompe o laço social, torna precária a existência do indivíduo, desconsidera a constituição de sujeito e conseqüentemente afeta sua relação com a saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, é perceptível que o neoliberalismo tornou-se mais que um modelo governamental, ele instaurou consigo um discurso subversivo a constituição do sujeito que alterou o tecido do laço social e as formas relacionais, e segundo Quinet (2006), a psicanálise se opõe a qualquer discurso que desconsidera a função do sujeito, por saber dos efeitos que esta pretensão trás consigo.

Dessa forma, o discurso neoliberal começou a desencadear efeitos que estão para além da economia, mas afetam diretamente os sujeitos que estão atravessados por esta nova constituição de laço social astuciosa em sua premissa discursiva, como já ressaltadas por Lacan (1972), e diante de sua influência global, tornou-se algo intrínseco nas relações sociais resultando em produção de sofrimento como conseqüência de sua impossibilidade de considerar sua potencialidade autodestrutiva. Dessa maneira, tornou-se fundamental a compreensão psicanalítica sobre os desdobramentos deste discurso na vida e nas relações interpessoais dos indivíduos e conseqüentemente o impacto que o neoliberalismo está causando.

Portanto, através dos avanços que possam surgir por pesquisadores desta temática, há a possibilidade de uma melhor compreensão que resulte na tentativa de elaboração deste fenômeno, ocasionando novas formas discursivas numa configuração de laço social ética como propõe a psicanálise enquanto a constituição do indivíduo como sujeito, considerando sua saúde mental e relação com o outro.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENOIT, Heitor; JADIR, Antunes. **O problema da crise capitalista em O Capital de Marx**. 2016.

João Victor Moura Cavalcante MEDEIROS; Eduardo Fagner Machado de PINHO; Jordana Carmo de SOUSA. O DISCURSO NEOLIBERAL COMO FORMADOR DE LAÇO SOCIAL E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE ABRIL. Ed. 41. VOL. 01. Págs. 302-322 ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculadefacit.edu.br.

- CHUL HAN, Byung. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, Vozes, 2015.
- DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo, Boitempo, 2016.
- FINGERMAN, Dominique; DIAS, Mauro Mendes. **Por causa do pior**. São Paulo, Iluminuras, 2005.
- DUNKER, Christian, I., L. **Lacan e a democracia: Clínica em tempos sombrios**. São Paulo, Boitempo, 2022.
- FOUCAULT, Michael. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Abril Cultural, 2015.
- GIL, Antônio, Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo, Atlas, 2008.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Trad. João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Cláudia Berliner. 2. Ed., São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- KEYNES, Maynard. John. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. Editora Nova Cultural Ltda. Brasil, 1936.
- LACAN, Jacques. **Lacan en Italie**. Ed. Bilíngue, Milão, La Salamandra, 1978.
- LACAN, Jacques. **O Seminário**, Livro XVI: de um Outro ao outro. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008 [1968-1969].
- LACAN, Jacques. **O Seminário**, Livro XVII: O avesso da psicanálise. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992 [1969-1970].
- LACAN, Jacques. **O Seminário**, Livro XIX: ... ou pior. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2012 [1971-1972].
- LOCKE, John. **Dois Tratados sobre o Governo**. 3. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2020.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da Economia Política**. São Paulo, Nova Cultural, 1985.
- QUINET, Antônio. **Psicose e laço social: Esquizofrenia, paranóia e melancolia**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.
- SAFATLE, Vladimir. **O círculo dos Afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JR., Nelson da; DUNKER, Christian I. L. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

SILVA JUNIOR, Nelson da. **Epistemologia psiquiátrica e marketing farmacêutico: novos modos de subjetivação**. Stylus Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, 2016.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações** (Vol. I). São Paulo: Abril Cultural, 1983.